

## *Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações*

Cláudia BRESCANCINI  
(PUCRS)

Valéria Neto de Oliveira MONARETTO  
(UFRGS)

**Resumo:** As pesquisas realizadas com dados de fala do Projeto VARSUL indicam que a variável vibrante está condicionada principalmente pelo grupo geográfico e pela posição que ocupa na sílaba. O que se observa, em todas as pesquisas, é a presença de variantes anteriores (vibrantes e fricativas), tanto em posição de ataque como em coda. Este trabalho propõe esboçar resultados dessas pesquisas e examinar a possibilidade de comparação e generalização de tais resultados. Questões metodológicas, tendo por base o modelo de Labov (1994), serão reexaminadas na tentativa de se extrair regularidades e tendências.

**Palavras-chave:** róticos no Sul do Brasil; vibrante no Varsul

**Abstract:** The researches based on Varsul speech data have pointed out that the rhotic variable is conditioned mainly by geographic group and syllable position. In all these works it is observed the presence of front variants in onset and coda position. The present work proposes to delineate the results of these researches and examine the possibility of comparing and generalizing their results. Methodological questions, based on the variationist model, are considered so that the effect of methods on results may be examined and consequently regularities and tendencies may be extracted from the results.

**Keywords:** Southern Brazilian rhotics; vibrants in Varsul data; variationist methodology

### **Introdução**

A variedade de sons de *r*, e denominados na literatura como rótico ou vibrante, entre outros, é grande nas línguas. No Brasil, há realizações velar, uvular ou faríngea, utilizadas pela maioria dos falantes, e dental múltipla, pela minoria, conforme Câmara Jr (1985, p. 35). O

contexto lingüístico interfere na modalidade articulatória: na posição pré-vocálica (rato, honra) predomina a fricativa velar; em grupo consonantal (prato) aparece comumente o tepe e, em posição pós-vocálica, ocorre tanto um como outro, assim como as formas retroflexas, aspiradas e o apagamento.

Em relação à fala do Sul do Brasil, a vibrante tem sido estudada sob diferentes perspectivas. Estudos sociolingüísticos, dialetológicos e geolingüísticos têm evidenciado que a vibrante pode se manifestar de diferentes maneiras, principalmente, em final de palavra. Já, em início de sílaba, a sua realização caracteriza diferentes etnias do Estado, como as regiões de colonização alemã, italiana e a zona fronteira que faz limite com o Uruguai e a Argentina. Na fala do Sul do Brasil verificamos a existência de variantes realizadas na zona anterior da boca, como vibrantes e fricativas alveolares ou palato-alveolares, praticamente inexistentes no restante do País, com exceção de São Paulo.

É sobre os estudos já realizados por meio de amostras coletadas pelo Projeto Varsul que esboçaremos um panorama geral dos róticos e traçaremos generalizações sobre o apagamento da vibrante.

Inicialmente, descreveremos brevemente a constituição do VARSUL. As amostras foram coletadas de 1988 a 1996 e são constituídas por dados de fala de indivíduos pertencentes a cidades representativas étnico e/ou culturalmente de cada Estado. Foram coletadas, seguindo a metodologia laboviana, 24 entrevistas, 96 por Estado, formando um total de 288, cada uma delas com duração aproximada de 60 minutos (Bisol; Menon; Tasca, 2008).<sup>1</sup>

Os indivíduos da amostra estão distribuídos por sexo, escolaridade e idade. A escolaridade é controlada por três graus de instrução, cuja nomenclatura antiga, primário, ginásio e 2º grau, assim como sua estratificação, é comumente substituída, nos dias atuais, por anos de estudo. Assim, os informantes estão divididos em até quatro, oito ou onze anos de estudo. A idade, originalmente disposta em duas faixas, é, algumas vezes, remodelada para três, conforme a localidade.

Eis as cidades que compõem o banco de dados:

---

<sup>1</sup> Detalhes sobre o projeto VARSUL, bem como outras informações podem ser obtidas em <<http://www.pucrs.br/fale/pos/varsul>>.

- (1) Cidades da amostra do banco de dados VARSUL
- Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja.
  - Santa Catarina: Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages.
  - Paraná: Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco.

## 1. Resultados de Análises sobre a Vibrante com Dados do VARSUL

As pesquisas sobre a vibrante com dados do VARSUL estão expostas no Quadro 1.

Quadro 1 – Pesquisas Realizadas sobre o Comportamento Variável da Vibrante em Dados do VARSUL

Autor/Ano	Cidade/Estado	Posição Controlada	Variável Dependente	No Inf.	No Dados
Silveira (2008) <sup>2</sup>	Lages, Blumenau/SC Londrina, Pato Branco/PR	Coda	Apagamento	46	5.805
Pimentel (2003)	Porto Alegre/RS	Coda	Fricativa Alv. e Apagamento	8	2.119
Spessatto (2003)	Chapecó/SC	Ataque	Vibr. Alveolar	24	3.217
Rigatti <sup>3</sup> (2003)	Panambi/RS	Ataque	Tepe ou Vibr Alveolar	16	1.044

<sup>2</sup> Pesquisa em andamento na UFRGS, cujo objetivo é completar o levantamento de dados sobre a vibrante no VARSUL, para fins de dissertação de mestrado. Essa pesquisa será incluída neste trabalho por considerar a quantificação de variantes das vibrantes em cidades do banco VARSUL ainda não estudadas. Resultados sobre o apagamento, foco da dissertação, não serão considerados.

<sup>3</sup> Rigatti (2003) analisa dados de crianças da cidade de Luzerna, de colonização alemã, localizada em Santa Catarina, de modo comparativo aos dados de Panambi, também de colonização alemã. Não se consideraram, no Quadro 1, os resultados de Luzerna, por não pertencerem ao banco de dados VARSUL.

Monaretto (2002)	Porto Alegre/RS	Coda	Apagamento	36	3.606
Gregis (2002)	Porto Alegre/RS	Coda	Apagamento	24	6.474
Monaretto (2001)	Flores da Cunha e Panambi/RS	Ataque/Coda	Vibr.Alveolar	24	4.068
Monaretto (2000)	PoA (RS), Florianóp. (SC), Curitiba (PR)	Coda	Apagamento	36	5.702
Rossi (2000)	Flores da Cunha/RS Chapecó/SC	Ataque	Tepe	32	1.044
Monguilhot (1997)	Florianópolis/Chapecó, Lages, Blumenau/SC	Coda	Apagamento	32	800
Monaretto (1997)	Porto Alegre/RS Florianópolis/SC Curitiba/PR	Coda	Tepe	36	3.994

Alguns desses trabalhos quantificaram uma ou mais variantes da variável /r/, sem contudo analisá-las individualmente, como forma de aplicação de regra variável. Isto é, há levantamento de percentuais de ocorrência de variantes, sem análise de condicionamento social e lingüístico destas. Dentre as variantes analisadas como regra variável, há o exame do apagamento, e de variantes de r-forte, pronunciadas na zona anterior da boca, denominadas nas pesquisas por vibrante e fricativa alveolar.

Como se pode observar pelo Quadro 1, estudos realizados sobre a vibrante nas amostras do VARSUL, por não focalizarem sempre a mesma variante ou a mesma posição na sílaba, são díspares. Por outro lado, alguns trabalhos podem ser confrontados na tentativa de extrair-se generalizações. Dentre as variáveis dependentes trabalhadas com as amostras do VARSUL, resultados sobre o apagamento, o tepe e a vibrante anterior podem ser inicialmente comparados.

Preliminarmente, exporemos alguns resultados obtidos de forma panorâmica.

As pesquisas sobre os dados do VARSUL, realizadas até o momento, indicam que a variável vibrante está condicionada principalmente pelo grupo geográfico e pela posição que ocupa na

sílaba. O que se observa, em todas as pesquisas, é a presença de variantes anteriores (vibrantes e fricativas) tanto em posição de ataque como em coda, como marcas típicas da variedade do português falado da região Sul do Brasil. A variante retroflexa faz-se presente nos dados também, mas de forma mais tímida, com exceção do Estado do Paraná.

A frequência geral aproximada de uso de variantes da vibrante segundo a posição na sílaba, retratada em pesquisas com dados do VARSUL, pode ser ilustrada pela Figura 1:

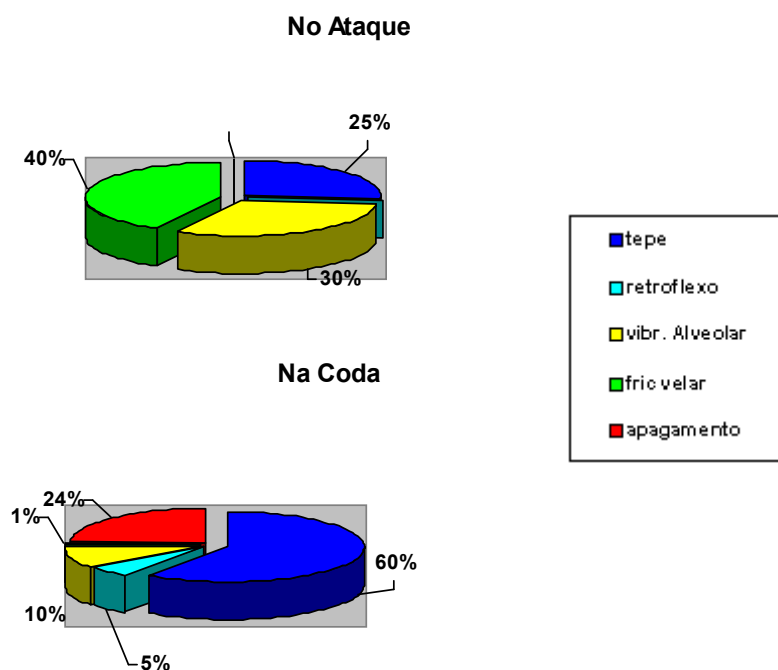


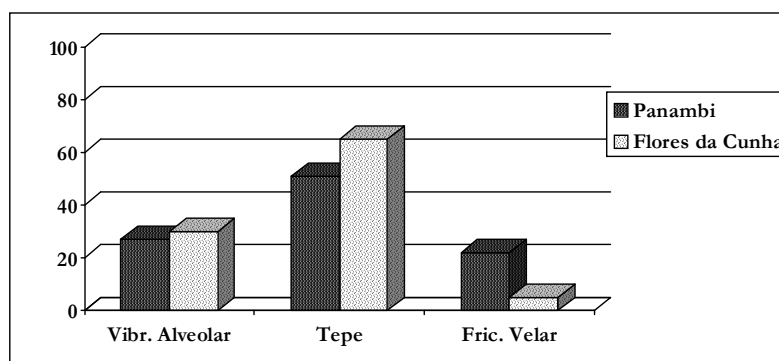
Figura 1 – Frequência geral aproximada de variantes da vibrante pelos dados do VARSUL

Observa-se pela Figura 1 que a frequência das variantes é dependente da posição na sílaba. No ataque, predomina a fricativa

velar e a inexistência de variantes apagamento e retroflexa. Na coda, há a presença de todas as variantes com o predomínio do tepe.

Além da posição na sílaba, a distribuição da vibrante também está condicionada pelo grupo geográfico, como pode ser visto pela Figura 2, que retrata a situação oposta à da figura anterior, se forem consideradas algumas localidades em particular, por exemplo.

Vibrante no Ataque (rato, carro)  
em Panambi (RS) e em Flores da Cunha (RS)



Vibrante no Ataque (rato, carro)  
em Porto Alegre (RS) e em Florianópolis (PR)

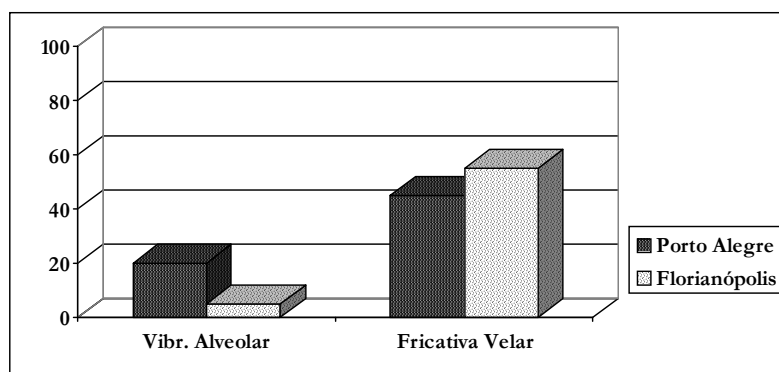


Figura 2 – Freqüência geral das variantes da vibrante em ataque, em diferentes localidades

Considerando-se os dados das cidades localizadas no Rio Grande do Sul, Panambi, de colonização alemã, e Flores da Cunha, de colonização italiana, podemos observar que, diferentemente de Porto Alegre e de Florianópolis, há nessas cidades com informantes bilíngües, tepe e vibrante no ataque, caracterizando uma variação sociolingüística. Esse dado mostra, pois, que a variação da vibrante não só ocorre na coda, mas em todas as posições da sílaba, com exceção do apagamento, restrito à posição de final de sílaba e preferencialmente em final de palavra, em verbos no infinitivo.

O Quadro 2 ilustra a variante da vibrante mais utilizada em cada cidade da amostra do banco VARSUL, distribuída pela posição na sílaba, conforme as pesquisas realizadas, excluindo-se a variante apagamento.

Quadro 2 –Variantes com freqüência mais alta por localidade e por sílaba

	PoA	FLC	PNB	FLP	LG	BL	CH	CTB	LON	PTB
<b>ATAQUE</b>	F.Vel.	Tepe	Tepe	F.Vel.	V.Alv.	V.Alv.	Tepe	V.Alv.	F.Vel.	V.Alv.
<b>CODA</b>	Tepe	V.Alv.	Tepe	F.Vel.	Tepe	Tepe	—	Tepe	Retrof.	Tepe

Legenda de Abreviaturas: PoA (Porto Alegre); FLC (Flores da Cunha); Panambi (PNB); FLP (Florianópolis); LG (Lages); BL (Blumenau); CH (Chapecó), CTB (Curitiba); LON (Londrina), PTB (Pato Branco)

Os resultados apresentados no Quadro 2 confirmam a variação da vibrante tanto na posição de ataque, como em coda. No ataque, há, na maioria das cidades, a presença da variante de r-forte, vibrante e fricativa, e o tepe, na coda. A fricativa velar já é preferida nas capitais, principalmente, com exceção de Curitiba. Podemos afirmar, portanto, que a vibrante está condicionada pela posição na sílaba e pelo grupo geográfico.

Uma análise em tempo real feita em Monaretto (2002) mostra que a realização da vibrante na fala de Porto Alegre, no que concerne à passagem da realização anterior para posterior, está passando por um processo de mudança, pois variantes típicas estão dando lugar a

outras. Em posição pós-vocálica, o apagamento cresce, e o tepe diminui. As demais variáveis permanecem estáveis ao longo do tempo. Em posição pré-vocálica a presença de variantes realizadas na zona anterior da boca persiste por questões de identidade social e étnica, conforme atestam estudos de Rigatti (2003) e de Silveira (2008).

## **2 O Apagamento da Vibrante Posvocálica no Sul do Brasil**

Estudos sobre os róticos, realizados sob o enfoque metodológico do modelo quantitativo laboviano, têm contribuído para a descrição do português brasileiro falado na região Sul do Brasil. Assim como os trabalhos realizados a partir de dados de fala de outras regiões do país, tais estudos pautam-se pelo compromisso com os esforços empreendidos para o desenvolvimento do campo na busca pela constituição de amostras representativas e pelo aprimoramento de abordagens analíticas que dêem conta da variabilidade lingüística do português brasileiro.

Considerando-se o estágio atual de descrição e análise das regras variáveis presentes no português falado no Sul do Brasil, impõe-se a necessidade de trabalhos que reflitam sobre a generalidade e a confiabilidade dos resultados obtidos, tarefa essa que, segundo Bailey e Tillery (2004, p.11), tem sido negligenciada nos últimos tempos de desenvolvimento do modelo variacionista. Tal empreendimento envolve o confronto tanto de resultados de diferentes trabalhos sobre um mesmo fenômeno realizados por pesquisadores diferentes quanto de procedimentos metodológicos adotados, como composição da amostra e estratégias analíticas (composição de variáveis independentes). O efeito seria a reunião de resultados de pesquisas e a identificação clara dos elementos que de fato compõem regras variáveis em dada região.

Com o objetivo de contribuir para tal discussão, consideraremos nesta seção os estudos realizados sobre o apagamento da vibrante em posição posvocálica na variedade sulista do português brasileiro. Os estudos em exame, apresentados no Quadro 3 a seguir, compartilham o fato de terem como ponto de partida de suas análises, resultados probabilísticos obtidos a partir dos programas que compõem o pacote computacional Varbrul 2S.



A observação das amostras consideradas indica, no primeiro momento, que são diretamente comparáveis os estudos de Moguilhot (1997), Monaretto (2000) e Gregis (2001), por considerarem dados provenientes do banco Varsul. Embora Pimentel (2002) considere registros de fala de indivíduos em situação de palestra, e não de entrevistas de experiência pessoal, conforme o banco Varsul, adota alguns dos critérios considerados por este para a composição de seu banco, como a coleta de informantes que tenham nascido na localidade em exame e que tenham residido nela pelo menos 2/3 de sua vida.

Quadro 3 – Pesquisas realizadas sobre o apagamento da vibrante em posição pós-vocálica na Região Sul do Brasil: informações metodológicas

Autor/Ano	Origem dos Dados/Localidades	Nº. Inf.	Total de Ocorrências	Aplicação	Variáveis Linguísticas	Variáveis Sociais
Moguilhot (1997)	Varsul FLO CHA BLU LAG	32	800	71%	Posição na Palavra Contexto Precedente Contexto Seguinte Classe Morfológica Dimensão da Palavra Acento Lexical	Faixa Etária Escolaridade Sexo Etnia
Monaretto (2000)	Varsul CUR FLO POA	36	5 602	40%	Posição na Palavra Contexto Precedente Contexto Seguinte Classe Morfológica Função do /r/ Dimensão da Palavra Acento Lexical Ritmo	Escolaridade Sexo Faixa Etária

Gregis (2001)	Varsul  POA	24	6 474	49,5%	Tipo de /r/ Posição na Palavra Contexto Precedente Contexto Seguinte Classe Morfológica Acento Lexical	Escolaridade Sexo Faixa Etária Classe Social
Pimentel (2002)	Coleta realizada pela autora  POA	08	2 119	37%	Posição na Palavra Contexto Precedente Contexto Seguinte Sonoridade do Contexto Seguinte Ponto de Articulação do Contexto Seguinte Classe Morfológica Acento Lexical Função do /r/	Sexo Faixa Etária  * todos os informantes possuem nível superior

Com base em amostra de 800 ocorrências, Monguilhot (1997), conforme registra o Quadro 3 anterior, obtém 71% de aplicação da regra de apagamento para as cidades que compõem a amostra catarinense do Varsul. Ao considerar as capitais dos três estados sulistas, Monaretto (2000) obtém 40% de aplicação. Os resultados para Porto Alegre de Gregis (2001) e Pimentel (2002) apontam para os valores de 49,5% e 37%, respectivamente.

As estratégias analíticas lingüísticas e sociais não são exatamente as mesmas nos trabalhos considerados. Quanto ao primeiro grupo, são comuns as variáveis *posição na palavra*, *contexto precedente*, *contexto seguinte*, *classe morfológica* e *acento lexical*; quanto ao segundo grupo, as variáveis *faixa etária* e *sexo*.

Partindo do pressuposto de que a análise da constituição das variáveis independentes é o principal argumento para a determinação de resultados realmente generalizáveis para a regra variável de apagamento da vibrante posvocálica no Sul do Brasil, consideraremos no Quadro 4, a seguir, os resultados obtidos a partir da quantificação de toda a amostra em cada um dos trabalhos considerados.

Verifica-se inicialmente em todos os estudos que são condicionadores lingüísticos a classe morfológica dos *verbos* e a *posição posvocálica final*. A vibrante com *função morfêmica* (como em “escolar”) apresentou sempre pesos relativos de favorecimento nos trabalhos em que a variável *função do /r/* foi considerada (em Monaretto e em Pimentel). Quanto ao contexto precedente, concluímos que os resultados de Monaretto e Monguilhot são concordantes, pois, no primeiro estudo são as *vogais anteriores* as mais favorecedoras e no segundo, a vogal [E]. O contexto seguinte *fricativo* é apontado como condicionador apenas no trabalho de Pimentel (2002), assim como também a *sílaba tônica*, resultado esse que a autora aponta como relacionado à concentração de dados relativos a verbos infinitivos no fator, contexto no qual o processo de apagamento da vibrante posvocálica opera em maior intensidade (Pimentel, 2002, p. 71).

Quadro 4 - Resultados gerais: variáveis independentes lingüísticas e sociais

	Classe Morfológica: Verbo	Função Morfêmica do /r/	Vogal precedente anterior	Posição Final	Contexto Seguinte Fricativo	Sílaba Tônica	Primeiro grau compl. ou incompl.	Jovens	Sexo Masculino	FLO
Monguilhot (1997)										
Monaretto (2000)										
Gregis (2001)										
Pimentel (2002)										

Quanto aos condicionadores sociais, a busca por resultados equivalentes torna-se mais complexa visto que os trabalhos adotam

estratégias analíticas distintas. Quanto à influência dos anos de escolarização na produção maior ou menor do apagamento da vibrante posvocálica, é possível depreender que a maior probabilidade de apagamento entre os indivíduos com *baixa escolaridade* é resultado comum aos estudos de Monguilhot (1997) e Monaretto (2000). Pimentel (2002) considera apenas falantes com nível superior em seu estudo e Gregis (2001) não apresenta resultado sobre essa variável social a partir do cômputo de toda a amostra.

Os *mais jovens* são os maiores produtores de apagamento para Monaretto (2000) e Pimentel (2002), resultado indicado nos dois estudos como indício para uma situação de mudança em progresso. Os *homens catarinenses* surgem como os maiores produtores do apagamento em Monguilhot (1997). Já em Monaretto (2000) e em Pimentel (2002), a variável sexo não é selecionada como estatisticamente relevante e, em Gregis (2001), não é apresentado resultado sobre essa variável a partir da amostra geral. Nos dois estudos em que *Florianópolis* foi considerada como fator da variável Localidade, a saber o de Monguilhot e o de Monaretto, a capital catarinense despontou como produtora do apagamento em discussão, evidenciando assim o estágio mais avançado do processo de enfraquecimento da vibrante.

Devido à grande diferença entre o processo de apagamento da vibrante em verbos e não-verbos, Monaretto (2000) e Gregis (2001) analisaram os dois grupos de dados separadamente a fim de verificar a possibilidade de condicionamentos distintos e, conseqüentemente, a revelação de duas regras variáveis. Segundo Gregis (2001, p. 69), os resultados obtidos em sua pesquisa parecem indicar a possibilidade de mudança morfológica na direção da eliminação da vibrante como marcador de infinitivo verbal, com extensão analógica aos outros casos de vibrante final de verbo, e um processo de cunho fonológico responsável pelo apagamento de /r/ em não-verbos.

Os Quadros 5 e 6 a seguir buscam relacionar os resultados obtidos nos dois trabalhos mencionados, a fim de que generalizações sejam obtidas, respectivamente para verbos e não-verbos.

Quadro 5 – Apagamento da vibrante pós-vocálica:  
resultados para verbos

	Infini- tivo	Final de Pala- vra	Vogais [-arr] em contex- to preced.	Polissíl.	Jovens	Sexo Femi- nino	Clas- se Soci- al A, C e D	FLO
Monaretto (2000)								
Gregis (2001)								

Para a classe dos verbos, conforme o indicado no Quadro 6 anterior, os fatores lingüísticos favorecedores ao processo de apagamento da vibrante posvocálica comuns ao estudo de Monaretto (2000) e de Gregis (2001) são verbos no *infinitivo*, com destaque para as formas “querer (quer)” em Gregis (p. 85), e a posição de *final de palavra*. Quanto aos fatores sociais, os *mais jovens* (menos de 50 anos em Gregis e de 25 a 39 anos em Monaretto) mostram-se como os maiores produtores do apagamento.

Resultados específicos envolvem a preferência pelo apagamento após *vogais [-arredondado]* e em *palavras polissílabas* em Gregis (2001) e a maior incidência de apagamento entre as *mulheres*, resultado que corrobora a hipótese de mudança em progresso apontada anteriormente, visto que é justamente o sexo feminino o apontado em estudos sociolingüísticos como o líder de inovações. A impossibilidade de atribuição de estigma ao processo em verbos é confirmada pelo resultado obtido para a variável Classe Social, em que os pesos relativos de favorecimento referem-se tanto à *classe A* quanto à *D*. Para Monaretto (2000), *Florianópolis* surge como a capital da Região Sul que mais aplica a regra de apagamento da vibrante posvocálica em verbos.

Os resultados oferecidos pelos estudos de Monaretto (2000) e Gregis (2001) para os não-verbos, conforme indica o Quadro 6 a seguir, apresenta concordância apenas quanto ao condicionamento demonstrado pelos *monossílabos* e pela *sílaba átona* ao apagamento da vibrante posvocálica.

Quadro 6– Apagamento da vibrante pós-vocálica: resultados para não-verbos

	Monos-sílabos	Síla-ba Áto-na	consoante seguinte não-sonorante	Vogais [-arr] em contexto preced.	Classe social D	FLO
Monaretto (2000)						
Gregis (2001)						

Dentre os condicionamentos lingüísticos, o contexto seguinte *não-sonorante* e as *vogais [-arredondado] precedentes* são apontados por Gregis (2001) para Porto Alegre. Quanto aos condicionamentos sociais, menos expressivos nos não-verbos em comparação aos verbos, tem-se que o peso relativo de favorecimento apresentado pela *classe social D*, apesar do pequeno número de informantes (apenas dois), funciona como indicativo do estigma social do apagamento do /r/ posvocálico no estudo de Gregis (2001). Assim como o observado para os verbos, *Florianópolis* é também apontada como favorecedora da regra em não-verbos por Monaretto (2000).

### Considerações Finais

A vibrante na fala do sul do País está condicionada pela posição na sílaba e pela localidade. Na posição de ataque, observa-se a presença de variantes com articulação na zona anterior da boca, na forma de vibrantes, fricativas e tepe, caracterizando a fala dessa região. Variantes articuladas na zona posterior não são as mais encontradas nas cidades da amostra do VARSUL, mas aparecem como fricativas velares, com frequência mais alta em Porto Alegre, Florianópolis e Londrina. Na coda, há, em posição final de palavra, a utilização de apagamento, em primeiro lugar. Já, na coda medial, a variação é mais notada, com o destaque para o tepe.

O exame dos aspectos metodológicos adotados para a obtenção da regra variável de apagamento da vibrante posvocálica no português falado na Região Sul do Brasil indicou que, apesar das diferenças quanto às amostras consideradas e às estratégias analíticas

adotadas, é possível apontar condicionamentos lingüísticos e sociais generalizáveis. A alta taxa de apagamento apresentada pela classe dos verbos indica tratar-se de uma regra de fato diferente daquela que envolve o apagamento em não-verbos. No primeiro caso, destacam-se a posição final de palavra, os verbos no infinitivo e a faixa etária mais jovem, elemento condicionador importante para a caracterização de um processo que caminha para uma situação de mudança. Quanto aos não-verbos, destacam-se nos estudos como condicionadores os monossílabos e a localização do /r/ em sílaba átona.

### Referências Bibliográficas

BAILEY, G.; TILLERY, J. Some sources of divergent data in Sociolinguistics. In: FOUGHT, C. (Ed.). *Sociolinguistic variation: critical survey*. New York: Oxford University Press, 2004.

BISOL, L.; MENON, O.; TASCIA, M. VARSUL, um banco de dados. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Orgs.) *Anthony Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 50-58.

CAMARA JR, J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

GREGIS, H. *O apagamento da vibrante pós-vocálica em Porto Alegre*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. v. 1 Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LINDAU, M. The story of /r/. In: FROMKIN, V. A. (Ed.). *Phonetic Linguistics: essays in honor of Peter Ladefoged*. Orlando: Academic Press, 1985.

MONARETTO, V. N. O. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

\_\_\_\_\_. *O desenvolvimento da vibrante anterior na fala do sul do Brasil*. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 6., Feira de Santana, 2001. (Comunicação oral).

\_\_\_\_\_. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais da fala do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar. 2000.

\_\_\_\_\_. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MONGUILHOTT, I. O. S. A vibrante em final de palavra na fala de Santa Catarina. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 2., Florianópolis, 1997. *Anais do II Celsul*, 1997. (1 CD-Rom)

PIMENTEL, R. M. *A variação lingüística do fonema /r/ na posição pós-vocálica*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIGATTI, A P. *Realização do rótico no onset em falantes de Luzerna-SC e Panambi, regiões de imigração alemã*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ROSSI, A. A variação da vibrante múltipla no interior da palavra lexical na fala de descendentes italianos das cidades sulinas Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS. *Working Papers em Lingüística*, UFSC, n. 4, p. 54-69, 2000.

SPESSATTO, M. *Linguagem e colonização*. Chapecó: Argos, 2003.